

A ESCRITA DA LÍNGUA PORTUGUESA COMO SEGUNDA LÍNGUA POR SURDOS NAS REDES SOCIAIS

WRITING THE PORTUGUESE LANGUAGE AS THE SECOND
LANGUAGE FOR DEAF IN SOCIAL NETWORK

Manuela Maria Cyrino Viana*, Veraluce Silva Lima**

RESUMO

Reflexões sobre a escrita em português como segunda língua desenvolvida por surdos. Nosso objetivo é analisar a produção escrita em Língua Portuguesa como segunda língua de surdos usuários da Língua Brasileira de Sinais, nas redes sociais. Para tanto realizaremos levantamento e leitura reflexiva das fontes bibliográficas relacionadas com nosso objeto de estudo; captura de textos escritos em português por surdos nas redes sociais de um grupo de WhatsApp; análise dos dados coletados e construção dos resultados. Para a captura dos textos, realizamos a criação de um grupo na rede social WhatsApp composto por surdos usuários de língua de sinais como primeira língua. Esse grupo de surdos semanalmente participa de conversas sobre os mais variados assuntos. Os textos capturados comporão o *corpus* da pesquisa. Para fundamentar a pesquisa, recorreremos, aos seguintes teóricos: Quadros (2004); Costa (2005); Zeni (2010); Leal (2011); Machado e Feltes (2010) e Rescuero (2011) dentre outros. Os resultados podem contribuir para a construção de novas propostas para a educação dos surdos, fornecendo-nos subsídios para a formação de cidadãos mais conscientes e integrados socialmente.

Palavras-chave: Escrita. Português. Surdo. Redes Sociais.

ABSTRACT

Reflections on the writing in Portuguese as a second language developed by deaf people. Our main aim is analyzing the written productions in Portuguese as a second language by deaf people who are users of Brazilian Sign Language on social network. Therefore, we will perform the reflexive reading of bibliographical sources related to our main aims; the capture of written texts in

* Professora/pesquisadora da Universidade Federal do Maranhão – UFMA, discente do Mestrado em Letras da UFMA. E-mail: manubrviana@hotmail.com.

** Professora doutora da Universidade Federal do Maranhão – UFMA, Coordenadora do Programa de Pós-Graduação em Letras da UFMA. E-mail: veraluce_ls@hotmail.com.

Portuguese on WhatsApp groups; the analysis of the data collected and the construction of the results. For capturing the texts, we created a group in WhatsApp messenger, composed by deaf people who use the Brazilian sign language as the first language. This group of deaf people weekly participates of conversations about the most varied subjects. The texts captured will compose the corpus of the research. For substantiating the research, we will consider: Quadros (2004); Costa (2005); Zeni (2010); Leal (2011); Machado and Feltes (2010) e Rescuero (2011), among others. The results can contribute on the construction of new propositions in deaf people education, providing aids for the formation of citizens more conscios and socially integrated.

Keywords: *Writing. Portuguese. Deaf people. Social network.*

INTRODUÇÃO

Por meio da linguagem, as relações sociointerativas acontecem, e com a pessoa surda não podia ser diferente. É que, quando pensamos no surdo, fica difícil não questionar quão complicado deve ser para ele se comunicar e como aquele “movimento com as mãos” pode ajudá-lo nesse processo. Os surdos brasileiros usam a Língua Brasileira de Sinais, uma língua visual-espacial que apresenta propriedades específicas das línguas humanas (QUADROS; SCHMIEDT, 2006).

O reconhecimento da língua de sinais não se deu sem esforço, nem os surdos conseguiram utilizá-la de maneira livre como vemos hoje. Após muitos anos de isolamento, o surdo finalmente vem sendo reconhecido como indivíduo capaz (SANTOS, 2009), com língua própria. A língua de sinais está se inserindo na sociedade cada vez mais com poder de comunicação, no que tange aos sinais utilizados por surdos. Nessa ótica, a pessoa surda encontra-se circundada entre duas realidades: o aprendizado da linguagem escrita – para comunicar-se com a pessoa ouvinte¹ – e o da língua de sinais, que “se torna essencial, pois sem esta o surdo não conseguirá compreender a necessidade do seu aprendizado da língua portuguesa” (SKLIAR, 1997, p. 101).

A ideia de que o surdo precisa aprender a língua de sinais e a língua utilizada pela sociedade ouvinte, mesmo que na modalidade escrita – como afirmam Salles (2004) e Slomski (2012) e como defendem os próprios surdos –, evidencia como é essencial estabelecer a relação entre ambas: a de sinais e o português escrito, e como esta relação irá comprometer o português escrito como segunda língua

Apesar de cerca de 90% dos surdos nascerem em lares ouvintes, ou seja, onde pai e mãe escutam (SUZA; SILVESTRE, 2007), a relação dos surdos com a língua portuguesa, na maioria das vezes, só se constrói para favorecer uma comunicação efetiva entre seus pares, quando o surdo passa a frequentar a escola. O que percebemos é o aprendizado da Língua Brasileira de Sinais (Libras), totalmente diferente da língua utilizada pela pessoa ouvinte.

Muitos alunos surdos, quando começam a aprender a escrever, pensam que o português escrito é a representação da língua de sinais que eles usam. Quando começam a empregar a Língua Portuguesa e aparecem as dificuldades nos níveis de análise da língua, como inadequações morfofossintáticas, começam a ver que é outra língua e procuram memorizar alguns aspectos essenciais

¹ São consideradas ouvintes as pessoas que utilizam o canal auditivo oral para sua comunicação, como é o caso dos falantes da Língua Portuguesa.

para estruturar melhor seu texto, muitas vezes não se dando conta de que se trata do aprendizado de uma segunda língua.

A proposta deste trabalho é analisar o português escrito empregado pelos surdos que possuem a Libras como primeira língua. A motivação para tal recorte do objeto de estudo deve-se à necessidade de perceber como ocorre a construção da escrita nas redes sociais, considerando que os surdos utilizam a escrita em Língua Portuguesa para interagir com outros surdos.

Para realizarmos uma análise dos registros do português escrito por surdos, na rede social, selecionamos o WhatsApp como o *locus* da pesquisa, considerando que essa rede tem sido muito utilizada pelos surdos no processo de interação, por ser uma rede de fácil acesso e manejo, podendo estar disponível nos mais variados aparatos tecnológicos, como: tablets, smartfone, ipod, dentre outros.

Como metodologia de análise dos dados, optamos pela fenomenologia, que nos possibilita estar por inteiro no ato de pesquisar, sem (pré) conceitos que venham limitar a percepção dos achados da pesquisa. Seu rigor científico se volta para a essência do fenômeno (HUSSERL, 1992), pois ela descreve os fenômenos “[...] sem teorias sobre sua explicação causal e tão livre quanto possível de pressupostos e de preconceitos” (MARTINS, 1992, p. 46).

Os resultados apresentados são parciais e revelam que o surdo percebe a importância da língua portuguesa escrita nas suas relações sociointerativas nas redes sociais e a utiliza como principal mecanismo de comunicação. Embora ele eleja a língua portuguesa para sua interação nas redes sociais, o surdo revela inadequações de concordância, ausência de artigo, dentre outros aspectos morfosintáticos que devem compor a escrita em português. Este fato reflete a difícil assimilação do português escrito pelo surdo e a aproximação com a estrutura da língua de sinais.

EU E MINHA LÍNGUA – A DE SINAIS

Ouvir pode ser considerado uma das habilidades mais prazerosas da nossa vida e ainda constitui uma peça fundamental para inserção social do indivíduo, porque tudo concorre a favor dos que escutam. Aproximadamente, 95% das crianças surdas congênicas, ou que ficaram surdas nos primeiros meses de vida, pertencem a lares ouvintes. A falta de comunicação entre os pais e o filho surdo impede ou diminui o desenvolvimento da linguagem nas etapas corretas de aquisição.

A surdez é uma característica que interfere no desenvolvimento e no comportamento do homem, uma patologia que afeta o órgão responsável pela audição, caracterizando o indivíduo como surdo. Considerada uma perda total ou parcial, congênita ou adquirida, da incapacidade de compreender a fala por intermédio do ouvido, não limita a capacidade do indivíduo para a aprendizagem (SANTOS, 2009). Isso se deve, entre outros, ao fato de o surdo não utilizar a Língua de Sinais, que é um instrumento linguístico diferente daquele dos ouvintes (VIANA, 2002).

A surdez é um estigma social rodeado de tantos preconceitos a ponto de familiares de natissurdos se julgarem vítimas de castigos sobrenaturais. Conforme Sousa (1982), Quadros (2004), e Spinelli (2013), essas representações sociais datam da antiguidade, quando os surdos eram lançados ao mar, sacrificados, jogados do alto dos rochedos, enfeitados ou abandonados nas praças e campos.

O preconceito contra a surdez (e contra o próprio surdo) durante muito tempo prevaleceu, circundado pela ideia de que o pensamento não podia se desenvolver sem a linguagem, a qual era materializada pela fala e desenvolvida por meio da audição. Esse fato levou os surdos a serem considerados sub-humanos, não tinham a possibilidade de desenvolver faculdades intelectuais (VIANA, 2002). Dessa forma, de acordo com Honora e Frizanco (2010), os surdos na Antiguidade

eram privados de todos os seus direitos legais: não tinham direito a testamentos, a escolarização e a frequentar os mesmo lugares que os ouvintes.

Quadros e Karnoop (2004) ressaltam que a educação dos surdos, desde a antiguidade até o advento do uso da língua de sinais, sofreu grandes mudanças, e tem sido durante anos palco de muitas controvérsias. No conjunto de problemas enfrentados pelo surdo, ainda existe a ausência de diferenciação entre a Língua Brasileira de Sinais e a Língua Portuguesa oral e/ou escrita, já que os surdos concebem o sinal como um gesto da fala, a fala como a sonorização do sinal e a escrita, o registro gráfico dos dois primeiros.

No século XVIII, a educação dos surdos teve um grande avanço como consequência do trabalho desenvolvido pelo Abade Charles de L'Epeé, um homem de extrema humildade, que começou a se preocupar com os surdos que viviam perambulando pelas ruas de Paris. De L'Epeé não conseguia aceitar o fato de os surdos viverem e morrerem sem ser ouvidos em confissão, privados da vida religiosa e social. Ao se aproximar dos surdos, ele teve a oportunidade de aprender a língua de sinais e criou os "sinais metódicos", uma combinação entre a Língua de Sinais e a gramática francesa sinalizada (GOLDFELD, 2002).

Um marco na história da educação dos surdos ocorreu em 1880, quando em Milão aconteceu o Segundo Congresso Internacional de Educadores de Surdos, que elegeu o método oral como o mais indicado para a educação do surdo, abolindo oficialmente o uso da língua de sinais. Esse momento histórico para os surdos e para a língua de sinais, que já vinha sendo estudada, foi crucial em termos de desenvolvimento. O mundo passou a acreditar apenas na oralidade, esquecendo-se do que já tinha sido conquistado com a língua de sinais. Esta, por sua vez, só foi retomada décadas depois, com a proposta do bilinguismo.

No Brasil, a educação do surdo inicia-se, quando Dom Pedro II convida *Edward Ernest Huet*, adepto de L'Epeé que usava a língua de sinais para o ensino da fala através do Método Combinado, para criar uma escola para meninos denominada Instituto Imperial de Surdos-Mudos, no ano de 1857, no Rio de Janeiro. Hoje, a escola para meninos chama-se Instituto Nacional de Educação de Surdos (INES) e atende a todos, independente de sexo e idade, numa perspectiva bilíngue.

Configurando a necessidade de uma educação bilíngue, a surdez revela uma experiência visual que traz ao sujeito surdo a possibilidade de constituir sua subjetividade por meio de experiências cognitivo-linguísticas diversas, mediadas por formas alternativas de comunicação simbólica, que encontram na língua de sinais seu principal meio de concretização. Os surdos fazem parte de uma minoria linguística que utiliza a língua de sinais como meio de comunicação e expressão, com o direito de aprender a língua oficial de seu país: a Língua Portuguesa. Os defensores do bilinguismo apontam a Língua Portuguesa escrita como importante meio de comunicação com os ouvintes, sendo mesmo considerada uma segunda língua.

A Língua Brasileira de Sinais como primeira língua para os surdos, conforme o Decreto 5626/05, é reconhecida cientificamente como um sistema linguístico de comunicação gestual-visual, uma língua natural formada por regras gramaticais. É uma língua completa, com estrutura própria que possibilita o desenvolvimento cognitivo do surdo, favorecendo seu acesso a conceitos e conhecimentos existentes na sociedade em que se insere (BRASIL, 2005).

Quadros e Karnoop (2004) definem Libras como uma língua gestual-visual, desenvolvida pela comunidade brasileira de surdos, estabelecida através da visão e da noção de espaço e se apresenta como uma combinação de gestos os quais fornecem as características necessárias para a formação da gramática de uma língua. É por meio da Libras que a linguagem da maior parte das crianças surdas evolui, que as possibilidades cognitivas e conceituais para nomear e categorizar a realidade acontecem e que o surdo tem acesso à cultura, ao conhecimento e à integração social.

As relações gramaticais em Libras, por sua vez, são marcadas por meio da execução dos sinais em um espaço linguístico determinado na frente do corpo e delimitado pela área que vai do topo da cabeça até os quadris. Além disso, as relações gramaticais se apresentam simultaneamente com o sinal, por meio de mecanismos como a incorporação – expressar localização, número e pessoa – e o uso de sinais não manuais – movimentação do corpo e expressões faciais (QUADROS; SCHMIEDT, 2006).

Nas línguas de modalidade gestual-visual, as transformações se dão em relação à ordem das palavras, expressões faciais e/ou corporais e, às vezes, morfologicamente, através do movimento. Por exemplo, na Libras, a ordem neutra é sujeito-verbo-objeto (SVO) como no exemplo: EU – GOSTAR – VOCÊ. Se quisermos enfocar o objeto, este, temporariamente, antecede o sujeito e, simultaneamente, uma expressão facial, com o sentido de ênfase; é co-articulada ao sinal que está na função de objeto (ZENI, 2010), como no seguinte exemplo: “FESTA EU GOSTAR”, em que a ordem é a OSV.

Com isso, podem existir algumas diferenças entre as construções em LIBRAS e as construções em Língua Portuguesa, já que nem todos os constituintes de uma sentença precisam ser marcados por sinais, porque são marcados pelas expressões faciais e pelo olhar (SILVA; FAVORITO, 2009).

Zeni (2010) afirma que é importante considerarmos que, na Língua Brasileira de Sinais, não há artigo e que as preposições são raríssimas. A flexão de número – a marcação de singular e de plural –, quando acontece, é feita por meio da repetição do sinal ou do acréscimo do sinal de “muito”. A flexão de gênero de um substantivo, por sua vez, não é marcada pela desinência de gênero –a; a indicação é feita por meio dos sinais de “homem” e de “mulher”.

Segundo Quadros e Karnoop (2004), as formas verbais com flexão para pessoas são estabelecidas por meio do início e do fim do movimento e da direção do sinal do verbo, incorporando os pontos previamente indicados no espaço. O tempo verbal é manifestado por meio do sinal do próprio verbo junto aos sinais ‘agora’, ‘passado’ e ‘futuro’. A concordância de um verbo pode ser marcada, também, pela direção do olhar, acompanhada pela flexão do verbo.

O diálogo abaixo, escrito em português e capturado da rede social WhatsApp, em 2015, deixa claro como a escrita do surdo se comporta carregando consigo traços da estrutura da língua de sinais.

Amigo 1 (ouvinte): Você pode me encontrar amanhã ou segunda-feira?

Amigo 2 (surdo): Me pergunto, to seu combinado como amanhã vou certeza você quer encontrar segunda-feira manhã, quando hora onde?

Amigo 1 (ouvinte): segunda-feira pela manhã é melhor no shopping Rio Anil, você pode?

Amigo 2 (surdo): ta certeza ir junto combinado segunda.

As línguas de sinais apresentam princípios estruturais básicos que constituem qualquer língua natural. Elas têm um padrão de organização dos elementos os quais se estruturam a partir de unidades mínimas que formam unidades mais complexas (SANTOS, 2009). Os sinais são acompanhados por marcações não manuais, como as expressões faciais e os movimentos de cabeça que podem representar negação, interrogação e concordância gramatical através da direção dos olhos.

Um aspecto relevante que precisamos considerar sobre a língua de sinais é que ela não é universal. Cada comunidade surda tem a sua: na França é LSF; nos Estados Unidos, ASL; no Brasil,

Libras, dentre outras. Além disso, essa língua apresenta variação regional e isso se deve à diversidade lexical de cada comunidade surda na sua cidade de origem. No Brasil, por exemplo, temos duas línguas de sinais: a utilizada pelas comunidades surdas brasileiras dos centros urbanos – a Libras; e a utilizada pelos índios da tribo Kaapor-Urubu, no Estado do Maranhão – a Língua de Sinais Kaapor Brasileira (LSKB).

Para o surdo, a língua de sinais será adquirida de forma rápida e espontânea, não só pela substituição de um órgão sensorial por outro, no processo de aquisição, mas também por ser uma língua apropriada ao surdo, permitindo uma maior significação do mundo. A espontaneidade na aquisição da língua de sinais evita retardos de linguagem e atrasos no desenvolvimento da percepção, generalização, formação de conceitos, atenção, memória e educação escolar (GOLDFELD, 2002).

ESCREVER O PORTUGUÊS OU O PORTUGUÊS ESCREVER?

Através da escrita, o ser humano consegue expor ideias e experiências, desenvolver a imaginação e raciocínio e ampliar a capacidade de comunicação. Para Marcuschi (2007 apud ONG, 1986, p. 23), “a escrita é imperiosa, sobretudo nos povos de “alta tecnologia”. Tanto assim que, segundo o autor, nesses povos, o termo iletrado quer dizer algo parecido com “falta”, “ausência” e, de certo modo, caracteriza um grupo “de desvio”. A escrita se tornaria aí tão importante que tenderia a “arrogar-se o supremo poder de se tornar normativa para a expressão humana e para o pensamento”. Também Marcuschi 2007 (apud OLSON, 2007, p. 96) observa que a escrita tornou-se “onipresente nas sociedades modernas”.

Marcuschi (2007) comenta que a escrita surgiu, implantou-se, inicialmente, em centros urbanos e tem causas e raízes sociais. Ela interage com as mais diversas estruturas e práticas sociais, por isso não obedece, em todas as culturas, aos mesmos passos em seu desenvolvimento. Entre as várias funções da escrita, três são essenciais para mostrar que a escrita não pode ser vista apenas como um código: a pertinência da escrita, a relação com o sentido e a pertença da língua a um conjunto cultural mais amplo.

Para os surdos, a escrita também é de fundamental importância para a ampliação dos processos sociocomunicativos. O português ainda é a língua significada por meio da escrita que se apresenta ao surdo, nos espaços educacionais. A sua aquisição dependerá de sua representação enquanto língua, com funções relacionadas ao acesso às informações e comunicação entre seus pares por meio da escrita (QUADROS; SCHMIEDT, 2006).

Embora os surdos estejam cientes de que a língua de sinais se constitui sua língua natural e dela necessitam para comunicação entre seus pares, eles – os surdos – agora estão tomando consciência de que necessitam do português escrito, nas trocas com ouvintes e até com os próprios surdos. Mesmo que a sociedade ouvinte conheça e reconheça que a língua de sinais possui regras gramaticais que asseguram a seus usuários acesso a conhecimentos e comunicação, poucos a usam. Nessa relação, encontramos uma situação bilíngue do surdo – em que a língua de sinais se constitui a L1, ou língua materna e natural, e o português escrito como L2, em que a escrita do português é significada, a partir da língua de sinais.

Stumpf (2013) comenta que o domínio da escrita não ocorre de maneira natural para as pessoas surdas. A língua que elas percebem e utilizam de maneira natural é a língua de sinais, que se constitui na sua língua materna (L1), conforme já referido anteriormente. No caso do Brasil, a língua portuguesa, para os surdos, é considerada como uma segunda língua (L2), assim como, por exemplo, o inglês o seria para as pessoas ouvintes.

Para os surdos, a aquisição da língua escrita não representa apenas mais uma modalidade da língua, como ocorre com o português falado e escrito, em que, mesmo com as apropriações pertinentes de cada modalidade, a relação entre o som ouvido e falado, o fonema assume relação mais direta com a letra ou grafema. Para o surdo, a aquisição da modalidade escrita representa a alfabetização em outra língua, por isso as irregularidades morfossintáticas identificadas na escrita dos indivíduos surdos coincidem com construções próprias da língua de sinais (ZENI, 2010).

Partindo da ideia de que o surdo tenha a língua de sinais como primeira língua, esta assumirá um caráter mediador e de apoio na aprendizagem do português, “pois aprender a escrever, para o surdo, é aprender em tal caso uma segunda língua” (SILVA, 2001, p. 14).

Stumpf (2013) relata que até hoje no Brasil os surdos, usuários da Língua Brasileira de Sinais, não têm como escrever em sua própria língua. Isto quer dizer que para escrever usam o português como sua segunda língua (L2) e nessa língua encontram grandes dificuldades de expressão. Assim, a produção escrita dos surdos limita-se a comunicações rudimentares feitas com dificuldade. Considero pertinente observar que a escrita dos sinais, proveniente do Sign Writing, desenvolvida nos Estados Unidos, onde os sinais são percebidos viso-espacialmente e representados no papel, ainda não é uma realidade para a escrita dos surdos no Brasil.

Silva (2001) comenta que o problema dos surdos com a aquisição da escrita está mais relacionado ao desenvolvimento de uma língua efetiva que lhes permita uma identidade sociocultural e que a língua de sinais se configura como essencial nesse processo, podendo influenciar nos aspectos superficiais do texto, mas não na estrutura profunda.

As limitações encontradas pelos surdos, em relação ao aprendizado do português escrito, não se dão pela surdez em si; mas, sim, pela falta de uma língua comum entre locutor e interlocutor (GÓES, 2002), pela falta de compreensão da língua materna e por não encontrarem um ensino voltado para a segunda língua.

Fernandez, 2003 (apud SPINELLI, 2013) destaca que não é simplesmente o fato de a pessoa ser surda para que cometa “erros” na escrita do português; mas, sim, a falta de contato constante com a língua. Assim como as crianças ouvintes, as crianças surdas deveriam ser expostas, desde cedo, às práticas discursivas que envolvam a escrita para, assim, começarem a construir suas hipóteses sobre essa modalidade de língua; a interação deveria realizar-se por meio da língua de sinais. É ela que vai possibilitar aos alunos surdos vivenciar práticas em que a escrita esteja envolvida, como contar histórias, relatar eventos vivenciados, entre outros eventos de linguagem. Assim, as crianças vão constituir seu conhecimento de escrita, em um processo muito semelhante ao observado em crianças ouvintes. Pensando mais além, consideramos que isso se manifesta também devido ao aprendizado de línguas diferentes: uma é gestual-visual (Libras) e a outra, oral-auditiva (Língua Portuguesa).

A importância da língua de sinais para a escrita do português por crianças surdas é apontada por diversos autores.² Para que leiam e escrevam, as crianças surdas, assim como todas as outras, necessitam ter conhecimento de mundo de forma que possam recontextualizar o escrito e daí derivar sentido. Elas necessitam, também, de conhecimento sobre a escrita para que possam encontrar as palavras para construção das estruturas das orações, assim como para criar estratégias que lhes permitam compreender os textos lidos.

Atualmente, a aquisição do português escrito por crianças surdas ainda é baseada no ensino do português para crianças ouvintes que possuem o português como língua materna (L1). A criança surda é colocada em contato com a escrita do português para ser alfabetizada em português, se-

² Machado e Feltes (2010); Quadros e Schmiadt (2006) e Salles (2004).

guindo os mesmos passos e materiais utilizados nas escolas com as crianças falantes do português. Assim, entre os surdos fluentes em português, o uso da escrita faz parte do seu cotidiano por meio de diferentes tipos de produção textual, extrapolando o universo da sala de aula, como é o caso da comunicação através de tecnologias digitais.

AQUI O SURDO NÃO SINALIZA, ESCREVE; NÃO LIGA, CONECTA-SE

Antes de integrarem nossas vidas, de forma imperceptível, tecnologias como a televisão, o celular e o computador causam um imenso impacto. A história demonstrou que a sociedade muda, quando novas invenções são introduzidas no nosso dia a dia (SHEPHERD; SALIÉS, 2013).

Com a chegada do computador e das redes sociais, a relação da escrita do português tomou nova conotação e importância. A mediação pelo computador gerou outras formas de estabelecimento de relações sociais onde “as pessoas se adaptam aos novos tempos, utilizando a rede para formar novos padrões de interação, criando novas formas de sociabilidade e novas organizações sociais” (RECUERO, 2011, p. 89).

Ambientes interativos em rede podem ser vistos como sistemas abertos, heurísticos, uma vez que propiciam facilidades de pesquisa, vasta quantidade de informações e meios de interação com outros usuários, favorecendo a colaboração, cooperação, aquisição e construção de novos conhecimentos de maneira crítica e criativa (COSTA, 2005).

Spadaro (2013) complementa comentando que a rede antes de qualquer coisa é um fato, uma realidade que deve ser encarada como tal, ser avaliada criticamente, amadurecendo de forma salutar a interação entre a nossa vida cotidiana e as potencialidades que proporciona a seu usuário pelo ambiente virtual. A rede diz respeito a sistemas sem barreiras, representados por sujeitos sociais (indivíduos, grupos, organizações etc.) que unem objetivos e recursos em torno de interesses e valores comuns (BITTENCOURT et al., 2011).

Compreendendo o conceito de rede, é necessário entender o de redes sociais que, segundo Recuero (2011, p. 24), são definidas como “um conjunto de dois elementos: atores e conexões”. Esses elementos têm seu foco na estrutura social e, através do uso do computador e da internet, são capazes de gerar fluxos de informações e trocas sociais num processo dinâmico. As redes sociais, segundo Leal (2011), possibilitam diversos tipos de relações (trabalho, estudo, amizade...), embora quase sempre passem despercebidas, tendo ultrapassado o âmbito acadêmico e científico. Na atualidade, podemos observar esse movimento que conquista cada vez mais adeptos, aglutinando pessoas com interesses em conteúdos específicos ou interesses em estabelecer relacionamentos.

Contudo as redes sociais na internet, por possuírem uma característica dinâmica, provocam comportamentos capazes de alterar sua estrutura. O surgimento de um grupo em uma rede social exige que os atores que fazem parte dessa rede engajem-se em um processo de cooperação. “Isso faz com que elas não sejam estáticas, paradas nem independentes do contexto onde estão inseridas” (RECUERO, 2011, p. 92).

As comunidades on-line encontradas nas redes sociais são definidas como grupos de pessoas distribuídas que contribuem voluntariamente com informação, num espaço social comum, suportado por uma comunicação em rede, sendo organizadas, normalmente, em torno de um ou vários interesses comuns (CUMMINGS et al., 2002 apud LEAL, 2011). Essas comunidades podem ser formadas nas redes sociais da web, como Facebook, Twitter, WhatsApp, dentre outras.

É importante perceber que as redes sociais são compostas por pessoas comuns, não por técnicos ou peritos, que usufruem dessa tecnologia em computadores, telefones celulares, câmaras fotográficas, para interagir de forma fácil, rápida e, além do mais, grátis (SPADARO, 2013).

Independente do tipo de tecnologia de navegação, qualquer pessoa é capaz de interagir com sites, compreendendo as informações neles contidas de forma integral (DIAS, 2003).

Corradi (2007 apud VIDOTTI, 2013) compreende que, independente das condições sensoriais, linguísticas e motoras dos usuários, estes podem usufruir da acessibilidade digital com a condição de acesso e uso, com autonomia e independência. Sendo assim, toda e qualquer pessoa que entre em contato com a Internet identifica o universo de possibilidades sociointerativas que podem realizar.

Os surdos já perceberam que a Internet é uma ferramenta necessária para sua interação. O sonho de consumo mais comum hoje na comunidade surda é, evidentemente, que cada surdo tenha seu próprio computador e acesso à rede (FENEIS, 2000). Eles perceberam que essa tecnologia pode ser de grande valia nas relações socioculturais e se valem desse processo nos dias atuais. Isto porque a Internet possibilita às pessoas de diferentes – até mesmo de desconhecidos – espaços culturais estarem em contato, realizando o processo de troca de informações e de experiências, por meio de uma língua de comunicação.

Em pesquisa realizada por Corradi (2007 apud VIDOTTI, 2013), ficou constatado que surdos de diferentes localizações geográficas reivindicam melhores condições de acesso e uso das informações em ambientes digitais, com ênfase na web. Embora os participantes pontuem a preferência pela Libras em suas interações sociais na Rede, eles não desprezam a Língua Portuguesa no processo de apropriação de informações.

A mesma autora pontua que os surdos participantes da pesquisa assinalaram, em grande maioria, a preferência por ambientes informacionais digitais como e-mail e por ambientes de bate-papo (Messenger, Skype ou Chat), seguindo-se pelas redes sociais e por sites de escolas/faculdades e sites para surdos entre outros ambientes. Com isso, os participantes valem-se desses espaços da Internet como forma de comunicação e de acesso às informações, de forma geral.

As redes sociais integram recursos verbais e não verbais dentro da tecnologia da informação e comunicação, possibilitando analisar o funcionamento discursivo da linguagem. Essas ferramentas, principalmente as não verbais, aproximam o surdo das redes sociais, proporcionando uma maior interação e expressão de ideias que normalmente teriam maior dificuldade, se fossem usados recursos somente verbais.

A web é largamente usada pelos mais de nove milhões de brasileiros com surdez (INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA, 2010). Existem inúmeras comunidades sobre surdez distribuídas entre as redes sociais mais populares no Brasil, como Facebook e YouTube, o que permite a criação de novas relações através do tempo e do espaço, moldando práticas de linguagem na comunidade de surdos (MOLLICA; PATUSCO; BATISTA, 2015).

Na pesquisa que estamos realizando sobre a escrita dos surdos em português como segunda língua, essa realidade se torna bem visível. Percebemos que os surdos utilizam a web e as redes sociais em proporções antes não realizadas. Esse fato ficou notório, quando fomos analisar os discursos do *corpus* que construímos. Esse *corpus* foi nosso instrumento de coleta de dados e foi formado pelos discursos produzidos pelos surdos com Ensino Médio completo, na rede social WhatsApp. Antes, porém, criamos um grupo nessa rede social formado por surdos usuários da Libras como primeira língua e passamos a nos comunicar semanalmente, por meio de bate-papos sobre os mais variados assuntos.

Neste trabalho, apresentamos um dos discursos (Figura 1) selecionados do *corpus* que construímos. Ressaltamos, contudo, que, no trabalho, discurso está sendo tomado como língua e uso vinculados à interpretação, que produzem efeitos de sentidos ao tomar a palavra, e que é um processo sempre em aberto, em construção (BACCEGA, 1998), que faz dialogar questões discursivas e es-

tudos culturais. Ressaltamos também que, nesse discurso, serão analisados os aspectos morfofossintáticos das construções escritas realizadas pelos componentes do grupo, sujeitos da pesquisa.

Para preservar o anonimato dos sujeitos, estabelecemos um código de identificação: primeiramente atribuímos a letra I, para cada interactante; ao lado da letra I, colocamos uma numeração de 1 a 5, para caracterizar os participantes da interação realizada sobre o tema “assalto”. Esse tema foi baseado num fato real ocorrido na cidade de São Luís: um ônibus foi assaltado e um dos passageiros foi alvejado por um tiro, levando-o à morte.

Os participantes desse discurso são os componentes do grupo de surdos que têm a Libras como 1ª língua, mas empregam o Português como 2ª língua para interagir nas redes sociais. O discurso, identificado como Figura 1, foi capturado da rede social WhatsApp, em fonte *Print screen*. Ele é composto pelas “conversas” desenvolvidas pelo referido grupo, conforme podemos comprovar a seguir:

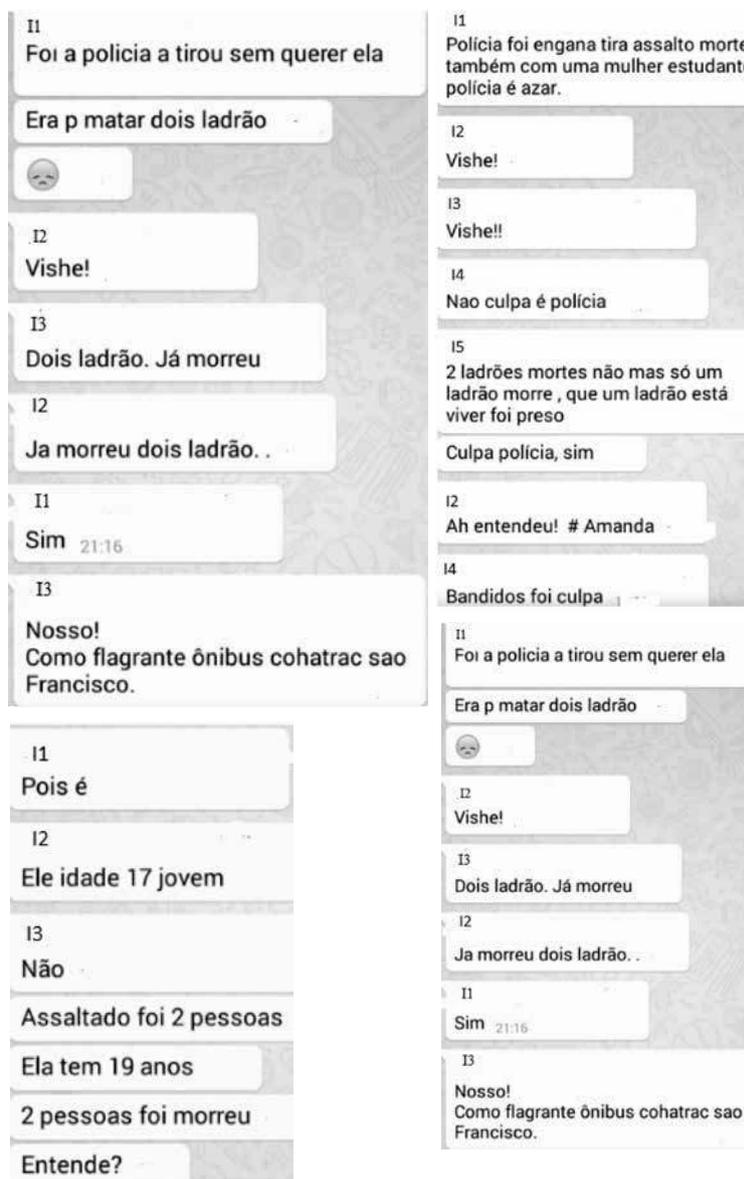


Figura 1 - Discurso produzido por surdos
Fonte: Print screen da rede social WhatsApp.

Refletindo sobre as partes do discurso que apresentam significados para nossa pesquisa, num movimento de afastamento/aproximação em relação à escrita dos surdos em Língua Portuguesa como 2ª língua, percebemos fenômenos que se repetem, como: ausência de artigo, uso inadequado do verbo, aplicabilidade incorreta ou não estabelecimento de concordância; uso da topicalização; predomínio da estrutura sintática SVO, dentre outros. No quadro a seguir, destacamos essas partes significativas do discurso, para nossa análise sobre a escrita do português como 2ª língua. Procuramos transcrever cada unidade de sentido *ipsis litteris* o interagente escreveu na Rede.

Quadro 1 - Unidades de Sentido e Discurso Articulado.

Interactantes	Unidades de Sentido	Discurso Articulado em Língua Portuguesa (Escrita Padrão)
I1	1. Foi a policia a tirou sem querer ela Era p matar dois ladrão. 2. Policia foi engana tira assalto morte tambem com uma mulher estudante, policia é azar. 3. Já vi ler jornal	1. Foi a polícia quem atirou sem querer. Era para matar dois ladrões. 2. A polícia se enganou e atira durante um assalto com morte de uma mulher estudante. 3. Já li o jornal.
I2	1. Já morreu dois ladrão. 2. Ah entendeu! # Amanda 3. Ele idade 17 jovem 4. Meu irmão foi falou de mim 5. Também jornalista foi falou... 6. Ai olho Rafael. Sou Amanda. Só meu namorado foi enviou conversa aqui grupo. Ele é thiago victor.	1. Já morreram dois ladrões. 2. Entendi! 3. Ele tem 17 anos; é jovem. 4. Foi meu irmão quem falou para mim. 5. O jornalista também falou. 6. Olha aí, Rafael. Sou Amanda. Somente meu namorando enviou a notícia ao grupo.
I3	1. Dois ladrão já morreu. 2. Nosso! Como flagrante ônibus cohatrac são Francisco. 3. Assaltado foi 2 pessoas Ela tem 19 anos 2 pessoas foi morreu	1. Dois ladrões morreram. 2. Houve flagrante no ônibus do Cohatrac-São Francisco. 3. Durante o assalto, duas pessoas morreram. A mulher tinha 19 anos.
I4	1. Não culpa é policia. 2. Bandidos foi culpa 3. Já mortos bandidos 2 e 1 passageira morta 4. Rafael é cego	1. A culpa não é da polícia. 2. A culpa foi dos bandidos. 3. Dois bandidos e uma passageira foram mortos. 4. Rafael é cego.
I5	1. 2 ladrões mortes não mas só um ladrão morre, que um ladrão está viver foi preso Culpa policia, sim	1. Os dois ladrões não morreram; apenas um. O ladrão que está vivo, foi preso. A culpa é da polícia.

Fonte: Elaborada pelo autor.

As Unidades de Sentido destacadas da escrita dos surdos que têm o Português como 2ª língua revelam que o discurso apresenta traços da escrita do português e aspectos da estrutura da língua de sinais, numa relação de proporcionalidade. Os registros ora apresentam uma estrutura bem próxima de usuário da Libras como 1ª língua, ora mais aproximada da estrutura do português, conforme podemos comprovar a seguir:

- I1. Foi a policia a tirou sem querer ela
Era p matar dois ladrão.
- I2. Já morreu dois ladrão.
- I3. Ela tem 19 anos

Nessas Unidades, a maioria dos registros se aproxima mais da estrutura frasal da língua portuguesa que da de Libras. Apenas o registro “Foi a policia a tirou sem querer ela” apresenta estrutura mais próxima da Língua de sinais.

Os registros encontrados se enquadram na relação de interlíngua que, segundo Brochado (2003 apud QUADROS; SCHMIEDT, 2006), pode apresentar três níveis de registro. Neste trabalho, destacaremos os níveis 1 e 2, por caracterizarem os achados do discurso analisado. Assim, no nível 1,

observamos emprego predominante de estratégias de transferência da língua de sinais (L1) para a escrita da língua portuguesa (L2), caracterizando-se por: estrutura gramatical de frases muito semelhante à língua de sinais brasileira (L1), apresentando pouca característica do português; predomínio de construções frasais sintéticas; uso de verbos, preferencialmente, no infinitivo; falta ou inadequação de elementos funcionais (artigo, preposição, conjunção); pouca flexão verbal em pessoa, tempo e modo; predomínio de palavras de conteúdo (QUADROS; SCHMIEDT, 2006, p. 34).

Algumas dessas características podem ser evidenciadas nas seguintes Unidades de Sentido destacadas no Quadro 1, conforme podemos comprovar:

- I3. Nosso!
Como flagrante ônibus cohatrac são Francisco.
- I1. Policia foi engana tira assalto morte tambem com uma mulher estudante,
policia é azar.
- I1. Já vi ler jornal
- I5 ladrões mortes não mas só um ladrão morre, que um ladrão está viver foi preso
Culpa polícia, sim

Nessas Unidades, podemos evidenciar:

- a) Estrutura gramatical de frases muito semelhante à língua de sinais brasileira (L1), apresentando pouca característica do português (L2);
- b) Predomínio de palavras de conteúdo;
- c) Falta ou inadequação de elementos funcionais (artigo, preposição e conjunção)

No nível 2, podemos encontrar

uma intensa mescla nas duas línguas, em que se observa o emprego de estruturas linguísticas da língua de sinais brasileira e o uso indiscriminado de elementos da língua portuguesa, na tentativa de apropriar-se da língua alvo. Emprego, muitas vezes, desordenado de constituintes da L1 e L2, como se pode notar: justaposição intensa de elementos da L1 e L2; emprego de verbos no infinitivo e também flexionados; frases e palavras justapostas confusas, não resultando em efeitos de sentido comunicativo; emprego de elementos funcionais predominantemente de modo inadequado; inserção de muitos elementos do português, numa sintaxe indefinida [...] (BROCHADO, 2003 apud QUADROS, 2006, p. 35).

O Quadro apresenta registros com relação de interlíngua no nível 2:

- I2 Ai olho Rafael. Sou Amanda. Só meu namorado foi enviou conversa aqui grupo.
- I3. Dois ladrão já morreu.
- I3. Assaltado foi 2 pessoas

Nas Unidades, podem ser evidenciadas as seguintes características:

- a) emprego de elementos funcionais predominantemente de modo inadequado;
- b) emprego de verbos flexionados;
- c) inserção de muitos elementos do português, numa sintaxe indefinida.

Isso é compreendido pela relação com a língua de sinais que o surdo adquire como primeira língua, na qual o movimento e a repetição do sinal marcam a flexão verbal. Já o plural do substantivo ocorre pela inserção de sinal “muito”, concordando apenas com o numeral para estabelecer a ideia de número/quantidade, por exemplo, o que vem confirmar os achados de Santos (2009), nos quais a escrita dos surdos registra com maior frequência:

Ausência de elementos gramaticais, de sinais de pontuação e de termos sintáticos; construção de frases nominais e de sentenças incompletas; construção sintática inadequada; falhas na concordância nominal e verbal; inadequação da partícula negativa; problemas na marcação verbal e no uso do plural; troca na ordem das palavras da sentença; uso inadequado do verbo e de alguns elementos gramaticais (SANTOS, 2009, p. 112-113).

Na análise que realizamos do discurso produzido nas redes sociais, encontramos, também, registros dos usuários da língua de sinais que, mesmo se enquadrando na relação de interlíngua no nível 2, apresenta características de um outro nível, revelando, assim, uma apropriação adequada da estrutura do português como 2ª língua, como é o caso das unidades de sentido a seguir:

- I1. Era p matar dois ladrão.
- I2. Ele é thiago victor.
- I3. Ela tem 19 anos
- I4. Rafael é cego

Nessas unidades, vemos claramente a tentativa de o surdo se comunicar por meio do português como 2ª língua, de forma eficiente, demonstrando, assim, que é possível línguas com estruturas gramaticalmente diferentes e formas diferentes de expressão estabelecerem uma relação de interlíngua a ponto de o usuário da Libras se comunicar na forma escrita na língua alvo.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A internet tem promovido consideravelmente novas formas de comunicação e expressão, através do acesso à riqueza de dados e das redes sociais em tempo real. A quantidade de pessoas que passou a utilizar novas tecnologias e se valer das redes sociais em seu dia a dia tem crescido no Brasil e no mundo. Hoje, são as tecnologias que movem o homem para o desenvolvimento social, cultural e econômico. Essa evolução do homem pode ser atribuída à “linguagem enquanto tecnologia matriz” (XAVIER, 2011, p. 32).

A linguagem tem e teve um papel fundamental para a eclosão da evolução tecnológica; trata-se de uma disposição da natureza humana de se comunicar com outros humanos por diferentes

signos formados. Nas comunidades virtuais, a linguagem revela uma variedade de combinações e registros próprios de seus usuários. Com a inicial justificativa de trocar mensagens virtuais a distância, essas comunidades estabelecem identidades socioculturais que marcarão os traços linguísticos identitários.

A escrita se tornou a ferramenta principal de comunicação entre as pessoas que se comunicam nesse mundo interligado pelas redes sociais, um universo de possibilidades que proporciona ao seu usuário a capacidade de socialização que ultrapassa a fronteira do visível. Perceber como utilizar essa ferramenta pode representar novas possibilidades sociointerativas.

O surdo, que durante décadas se manteve afastado potencialmente do papel de comunicador, mantendo por anos o título de surdo-mudo, agora encontra nas redes sociais o alicerce para estabelecer comunicação em espaços inimagináveis, ganhando proporções antes não pensadas. Fazer parte desse mundo significa para o surdo, não só apreender o poder de se comunicar ou de se socializar com pessoas dos mais variados locais, mas e principalmente mostrar que ele é igual, capaz.

É interessante pensar também que, através das redes sociais, o surdo pode usar o português escrito como sua segunda língua, nas suas trocas interativas. Português este que foi durante muitos anos, imposto pela educação oralista nas escolas, resultando na rejeição por parte dos surdos, assim como a oralização considerada mesmo até desnecessária. Hoje, mais do que necessário, o português se tornou inegavelmente a principal ferramenta de comunicação entre surdos e, por que não dizer, entre os ouvintes também, nas redes sociais.

Os “erros” encontrados na escrita dos surdos nas redes sociais revelam a tentativa de comunicação em uma língua em aprendizagem – o português – seguida de uma conhecida – a de sinais – que nas redes sociais se revela com acertos e erros próprios de um processo de aprendizagem nesta relação de interlíngua. São dificuldades estruturais que nem de longe coíbem essa escrita comunicativa que rompe com os insucessos da escrita em português pelo surdo e esbarra no sucesso – a comunicação, dando-nos a certeza de que há uma nova configuração das relações de interlocução, nas trocas de mensagens/informações, deixando as questões discursivas em aberto.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BACCEGA, Maria Aparecida. *Comunicação e linguagem: discursos e ciência*. São Paulo: Moderna, 1998.

BITTENCOURT, Zélia Zilda Lourenço de Camargo et al. Surdez, redes sociais e proteção social. *Ciênc. saúde coletiva*, Campinas, v. 16, p. 769-776. 2011.

BRASIL. Casa Civil. Decreto nº 5.626, de 22 de dezembro de 2005. Regulamenta a Lei no 10.436, de 24 de abril de 2002, que dispõe sobre a Língua Brasileira de Sinais - Libras, e o art. 18 da Lei no 10.098, de 19 de dezembro de 2000. *Diário Oficial [da] República Federativa do Brasil*, Poder Executivo, Brasília, DF, 23 dez. 2005. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2004-2006/2005/decreto/d5626.htm>. Acesso em: 21 set. 2014.

COSTA, Rogério da. Por um novo conceito de comunidade: redes sociais, comunidades pessoais, inteligência coletiva. *Interface: Comunicação, saúde, educação*, Botucatu, v. 9, n. 17, p. 235-248, mar./ago. 2005.

DIAS, C. *Usabilidade na web: criando portais mais acessíveis*. Rio de Janeiro: Alta Books, 2003.

REVISTA DA FENEIS. n. 6, 22, Rio de Janeiro, 2000.

- GOLDFELD, Márcia. *A criança surda: linguagem e cognição numa perspectiva sócio-interacionista*. 2. ed. São Paulo: Plexus, 2002.
- GÓES, Maria Cecília Rafael de. *Linguagem, surdez e educação*. 3. ed. Campinas: Autores Associados, 2002.
- HONORA, Márcio; FRIZANCO, Mary Lopes Esteves. Livro Ilustrado de Língua Brasileira de Sinais: desvendando a comunicação usada pelas pessoas com surdez. São Paulo: Ciranda Cultural, 2010.
- HUSSERL, Edmund. *Investigações lógicas: elementos de uma elucidação fenomenológica do conhecimento*. In: Os Pensadores. São Paulo: Nova Cultural, 1992.
- INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. *Censo 2010*. Rio de Janeiro: IBGE, 2010.
- LEAL, João. Redes Sociais na Sala de Aula. *CIDTFF - Indagatio Didáctica* - Universidade de Aveiro. v. 3, n. 2, jun. 2011.
- MACHADO, Flávia Medeiros Álvaro; FELTES Heloísa Pedroso de Moraes. In: Comunidade surda e redes sociais: práticas de regionalidade e identidades híbridas. *Conexão – Comunicação e Cultura, UCS, Caxias do Sul*, v. 9, n. 17, jan./jun. 2010.
- MARCUSCHI, Luiz Antônio. *Da fala para a escrita: atividades de retextualização*. 8. ed. São Paulo: Cortez, 2007.
- MARTINS, Joel. *Um enfoque fenomenológico do currículo: a educação como poiesis*. São Paulo: Cortez, 1992.
- MOLLICA, Maria Cecília; PATUSCO, Cynthia; BATISTA, Hadinei Ribeiro. *Sujeitos em ambientes virtuais*. São Paulo: Parábola Editorial, 2015.
- QUADROS, Ronice Müller de. *Língua de Sinais brasileira: estudos linguísticos*. Porto Alegre: Artemed, 2004.
- QUADROS, Ronice Müller de; SCHMIEDT, Magali L. P. *Ideias para ensinar português para alunos surdos*. Brasília: MEC, SEESP, 2006. 120 p.
- RESCUERO, Raquel. *Redes sociais na internet*. 2. ed. Porto alegre: Sulina, 2011.
- SALLES, Heloisa Maria Moreira Lima. *Ensino de língua portuguesa para surdos: caminhos para a prática pedagógica*. Brasília, DF: MEC, 2004. p. 26-84. (Programa Nacional de Apoio à Educação dos Surdos).
- SANTOS, Fernanda Maria Almeida dos. *Marcas da Libras e indícios de uma interlíngua na escrita de surdos em língua portuguesa*. 2009. 252 f. Dissertação (Mestrado em Letras e Linguística) – Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2009.
- SHEPHERD, Tania G.; SALIÉS, Tânia G. *Linguística da internet*. São Paulo: Contexto, 2013. 285 p.
- SILVA, Marília da Piedade Marinho. *A construção dos sentidos na escrita do aluno surdo*. São Paulo: Plexus, 2001.
- SILVA, Ivani Rodrigues; FAVORITO, Wilma Favorito. *Surdos na escola: letramento e bilinguismo*. Cefiel / Iel/ Unicamp, 2009.
- SKLIAR, Carlos. *Educação e exclusão: abordagens sócio-antropológicas em educação especial*. Porto Alegre: Mediação, 1997.

- SLOMSKI, Vilma Geni. *Educação bilíngue para surdos: concepções e implicações práticas*. Curitiba: Juruá, 2012.
- SOUSA, Eloysia Godinho de. *Surdez e significado social*. São Paulo: Cortez, 1982.
- SOUZA, Regina Maria de; SILVESTRE, Nuria. *Educação de surdos*: São Paulo: Summus, 2007.
- SPADARO, Antonio. *Web 2.0: redes sociais*. São Paulo: Paulinas, 2013.
- SPINELLI, Beatriz. *Sentidos e ensino no silêncio: uma análise discursiva do ensino de língua portuguesa para surdos*. 2003. 61 f. Monografia (Licenciatura em Letras-Português) - Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2013.
- STUMPF, Marianne Rossi. *Língua de sinais: escrita dos surdos na Internet - Escola Especial Concórdia – ULBRA*, 2013.
- VIANA, M. M. C. A Língua do Silêncio. *Littera: Revista de Estudos Linguísticos e Literários*, v. 1, n. 4, p. 63, São Luís, 2002.
- VIDOTTI, Silvana Aparecida Borsetti Gregorio. *Ambientes informacionais digitais acessíveis a minorias linguísticas surdas: cidadania e/ou responsabilidade social*. São Paulo: Universidade Estadual Paulista, 2013.
- ONG, Walter. Writing is a technology that restructures thought. In: BAUMANN, G. *The Written word literacy in transition*. Oxford: Clarendon Press, 1986. p.23-50
- XAVIER, Antonio Carlos et al. *Hipertexto e cibercultura: links com literatura, publicidade, plágio e redes*. São paulo: Respel, 2011.
- ZENI, J. M. *A análise de erro na produção escrita do português como segunda língua por alunos surdos*. Universidade federal do rio grande do sul. 2010. Disponível em: <<http://www.celsul.org.br/Encontros/04/artigos/131.htm>>. Acesso em: 18 jun. 2011.